



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

QUESTÕES DE GÊNERO E DISCURSO NO FACEBOOK: EM BUSCA DA “DIGNIDADE FEMININA”

Elizabeth Pedrosa da Silva; Luciana Fernandes Nery; Cássia Valéria da Silva Martins.

Universidade Federal da Paraíba; Universidade Estadual da Paraíba; Faculdades Integradas de Patos.
elizabethpedrosa2010@hotmail.com; lucianafernandesnery@yahoo.com.br; cassiaz2011@hotmail.com

Resumo: Ao observar os discursos que circulam nas redes sociais, sobretudo no *Facebook*, é comum nos depararmos com posturas que reforçam a discriminação e o preconceito. Nesse contexto, a figura feminina tem sido alvo de diversos tipos de violência, como também tem se destacado por usar o espaço virtual para reagir às agressões sofridas dentro e fora da rede. Diante disso, o objetivo desse trabalho é investigar de que maneira os discursos propagados na página “*É pela Dignidade Feminina*” contribuem para reproduzir na sociedade (identidades sociais, relações e ideologias) e, provavelmente, transformá-la. Para isso, utilizamos principalmente os postulados da Análise do Discurso Crítica, a partir dos estudos de Fairclough (2001), bem como recorremos aos estudos de Recuero (2016), no que concerne ao discurso nas redes sociais, dentre outras contribuições. O corpus da nossa pesquisa é constituído de postagens e comentários na página feminista supracitada. A análise dos enunciados permite-nos compreender que a partir das práticas discursivas, no ambiente da internet, os sujeitos interagem entre si e agem socialmente, revelando identidades e ideologias.

Palavras-chave: Discurso. Ideologia. Rede social. Feminismo.

INTRODUÇÃO

Os discursos que circulam na sociedade contribuem para que determinados pré (conceitos) sejam construídos e/ou propagados, reforçando comportamentos e contribuindo para que determinados sujeitos sejam marginalizados, ridicularizados e até mesmo alvo de violência ética, moral, social e sexual. Nesse cenário, é comum presenciarmos diversos tipos de “agressões” sendo disseminadas, sobretudo nas redes sociais, mais especificamente através do *Facebook*, espaço que nos últimos tempos tem a cada dia aumentado o número de adeptos. Muitas pessoas utilizam essa ferramenta para fazer novas amizades, como uma forma de divulgar produtos, eventos, indicação de leituras, dentre outras utilidades. No entanto, o *Facebook* também tem sido utilizado negativamente, como *locus* de discriminação, insultos, racismo, etc. Diante disso, de um lado temos aqueles sujeitos que acabam aderindo a estes tipos de posturas e propagando, por exemplo, a cultura do estupro, a exterminação dos homossexuais, o racismo, a apologia ao crime, etc. De outro lado, temos os sujeitos que não aceitam ser desrespeitados e acabam denunciando os absurdos que circulam no meio digital e buscando uma punição para os agressores.

Perante tais constatações, o interesse em realizar esta pesquisa se deu no início do mês de Julho de 2015, quando a comunidade no *Facebook*



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

denominada “É Pela Dignidade Feminina” foi criada pela assessoria da senadora Gleisi Hoffmann, logo após a divulgação e comercialização de um adesivo para carros que exibia a então presidenta da República, Dilma Rousseff, em montagem vexatória, que claramente incentivava a violência sexual. Segundo a senadora, em discurso no Senado e na referida comunidade na internet, o movimento surge em reação a uma ofensa contra todas as mulheres e contra a Presidenta, e constitui-se num veículo de luta pelo fim da violência de gênero, pelo respeito ao ser humano e por um debate político decente.

Apesar de já ter transcorrido certo tempo desde a criação da página “É Pela Dignidade Feminina”, percebemos que a mesma continua em atividade e ascensão, mesmo após o cumprimento de decisão judicial para que os citados adesivos fossem retirados do mercado comercial. A comunidade é diariamente alimentada com postagens que noticiam e questionam inúmeras situações de violência contra a mulher brasileira e exaltam também suas lutas e conquistas diárias. Neste fluir de interações enriquecidas por diferentes discursos, a página se solidifica como movimento feminista e galga milhares de seguidoras e seguidores por todo o país.

Assim, lançaremos mãos dos estudos da Análise do Discurso Crítica, dos estudos sobre o discurso no ciberespaço e dos estudos de gênero, para compreendermos o fenômeno das práticas discursivas no ambiente da internet, que se constitui num lugar de interação para o qual convergem todos os paradoxos humanos.

Considerando o discurso tridimensionalmente, (texto, prática discursiva e prática social), segundo perspectiva de Fairclough (2001), nos propomos, com esta pesquisa, a responder as seguintes questões: 1) De que modo são estabelecidas as identidades sociais dos sujeitos que interagem discursivamente na comunidade virtual “É Pela Dignidade Feminina”? 2) Como as relações sociais são representadas e negociadas entre os participantes do discurso na página da internet supracitada?

Pretendemos investigar de que maneira a prática discursiva na página “É pela Dignidade Feminina” contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações e ideologias) e, provavelmente, transformá-la. Especificamente, objetivamos: 1) analisar como se constroem as identidades femininas a partir dos posicionamentos emitidos nas postagens e nos comentários gerados na página “É Pela Dignidade Feminina”; 2) Entender como se dá o embate discursivo entre os sujeitos que interagem na comunidade virtual supracitada; 3) Observar como a referida página na internet se configura num espaço propício ao fortalecimento do Movimento Feminista. O estudo aponta para a importância da referida página no *Facebook* como um amplo espaço de práticas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

discursivas, uma vez que os mais diferentes sujeitos (dos mais diversos níveis de escolaridade, faixa-etária e classe social), interagem virtualmente e acabam por agir socialmente e politicamente, revelando identidades e ideologias.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Segundo Zavam (2009), em nossas relações sociais cotidianas, temos sempre algo a dizer. E este algo a dizer vai adquirindo novas roupagens, novas formas do dizer, nesse novo tempo em que estamos vivendo, marcado por um crescente espaço da interação humana: a internet.

Nesse novo cenário em que figuram novas formas e formas remodeladas de dizer, muitos atores sociais que, na antiga ordem, não encontravam meios de ocupar o proscênio ou que dele eram afastados descobrem e se apossam de brechas para fazer ouvir a sua voz, a voz dos exilados das instâncias de dizer socialmente estabelecidas e reconhecidas, tanto por aqueles que nelas têm assento assegurado e preservado quanto por aqueles que com esses estabelecem trocas sociais. (ZAVAM, 2009, p.94)

É este contexto que consideramos para a realização deste trabalho, que se encontra ancorado em dois pressupostos básicos: a) o ambiente da internet constitui-se num genuíno espaço humano de práticas políticas e sociais; b) as redes sociais virtuais, a exemplo do *Facebook*, configuram um *locus* democrático de multiplicação de discursos representativos de vozes e identidades outrora silenciadas (mulheres).

De acordo com Recuero (2016), o discurso reconstrói no ciberespaço as estruturas de dominação, legitimando a ideologia de dominação da sociedade, particularmente as estruturas de violência simbólica. Um dos motivos pelos quais muitos autores consideram o espaço *online* como democrático em termos de mídia é justamente o fato de ele permitir a publicação de discursos não hegemônicos e a pluralidade de formações discursivas. Deste modo, o estudo desses discursos pode desvelar estratégias e modos de ação de grupos filiados a outras formações em busca de construir maior visibilidade.

Nesta esfera, consideramos a Análise Crítica do Discurso (ADC) como pressuposto teórico fundamental para a compreensão e/ou interpretação dos enunciados construídos pelos sujeitos, na rede social em questão. Fairclough (2001) propõe uma análise tridimensional do discurso (texto, prática discursiva e prática social).

Segundo o estudioso, ao utilizar o termo ‘discurso’, considera-se o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, sendo esta última tanto uma condição como um efeito da primeira.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Diante das afirmações apresentadas, percebemos que os discursos acabam moldando os sujeitos, re-significando as suas identidades e atribuindo novas significações em relação aos que os cercam. Segundo o referido autor, há três aspectos dos efeitos construtivos do discurso. Em primeiro lugar, afirma que o discurso contribui para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições do sujeito’; em segundo lugar, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas; e, por fim, em terceiro lugar, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença.

METODOLOGIA

O corpus de nossa análise é constituído pelos discursos emitidos nas *postagens* e *comentários* da página do Facebook “É Pela Dignidade Feminina”, isso por considerarmos a complexidade que representam estas expressões do dizer, do expor e opinar, juntamente com a interação entre os seus emissores. Assumimos, portanto, a natureza qualitativa desta pesquisa, por considerarmos que num estudo como este, todas as pessoas que participam são sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para a compreensão do fenômeno de atuação social em questão.

Assim como Chizzotti (2001), consideramos que na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio; é necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. Além disso,

Todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo, todos são iguais, mas permanecem únicos, e todos os seus pontos de vista são relevantes: do culto e do iletrado, do delinquente e do seu juiz, dos que falam e dos que se calam, dos normais e dos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

anormais. Procura-se compreender a experiência que eles têm, as representações que formam e os conceitos que elaboram. Esses conceitos manifestos, as experiências relatadas ocupam o centro de referência das análises e interpretações, na pesquisa qualitativa. (CHIZZOTTI, 2001, p. 84).

A afirmação do autor vem a endossar a nossa crença da importância de se observar os diferentes discursos, emitidos pelos mais distintos sujeitos, a que temos acesso na pesquisa, e que, sem dúvidas, permitirão desvelar identidades, identificações e engajamentos políticos e/ou sociais. Os dados da pesquisa qualitativa e especialmente os da nossa investigação, não são elementos isolados, são acontecimentos fixos, captados em um instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são “fenômenos” que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos. Portanto, é preciso ultrapassar sua aparência imediata para descobrir sua essência. (CHIZZOTTI, 2001, 84). Nesta perspectiva, a investigação é de cunho interpretativista, uma vez que o objeto é construído socialmente pelos sujeitos, que moldam significados através de complexos processos de interação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

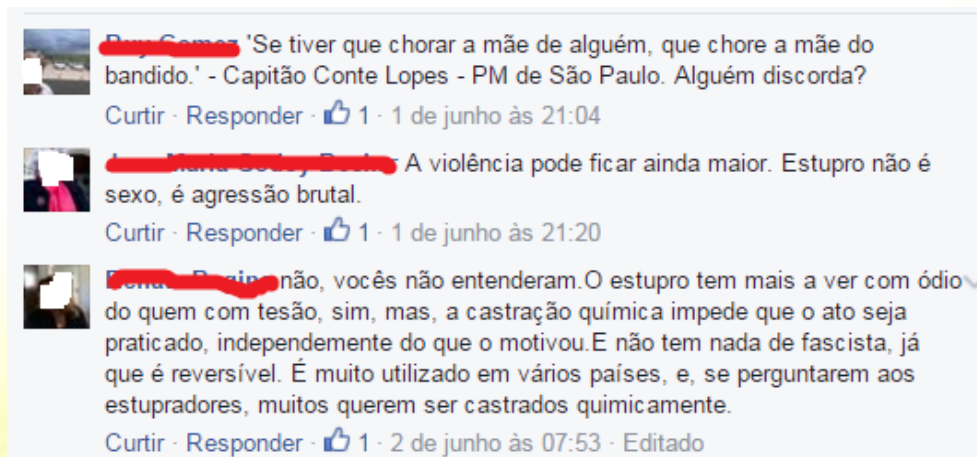
Para iniciarmos a análise, veremos uma postagem (Figura 1) da página *É Pela Dignidade Feminina* do dia 01/06/2016. Esta publicação reafirma a ideologia feminista do portal em questão, uma vez que se realiza a partir de um compartilhamento de discurso veiculado em outra página feminista no Facebook, a saber, *Empodere Duas Mulheres*. Por sua vez, o tema da postagem, castração química, também reforça a ideologia de gênero do referido canal de comunicação na internet, tendo em vista que surge de um problema social que vitimiza milhares de mulheres diariamente, a violência sexual. Vejamos:

Figura 1: Post sobre castração química.



O contexto da publicação situa-se na existência de pelo menos dois projetos de lei no Congresso Nacional que propõem a castração química como punição para estupradores; um destes projetos, o de nº 552/2007, de autoria do Senador Gerson Camata, está atualmente arquivado e o projeto de nº 5398/2013, de autoria do Deputado Jair Bolsonaro, aguarda designação de relator na Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania (CCJC). A interdiscursividade da postagem manifesta-se a partir do momento em que se critica, mesmo que indiretamente, os referidos projetos, “**é uma proposta imbecil não só por ser completamente fascista (e é)**”, com o argumento de que o estupro não é causado por libido incontrolável, pelo contrário, é uma ação deliberada. Na figura 2, logo abaixo, veremos como as diferenças e semelhanças discursivas se negociam, explicitando as crenças dos sujeitos.

Figura 2: Comentários do post sobre castração química





III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Na imagem acima, podemos observar os comentários a respeito da postagem sobre castração química. Na primeira enunciação, um homem, de meia idade, posiciona-se a partir da intertextualidade com o discurso de outrem, apresentando um texto entre aspas, com referência definida. Desta forma, notadamente, o autor busca o empoderamento do seu dizer, recorrendo a uma entidade social, a Polícia Militar do Estado de São Paulo, que a seu ver, representa autoridade no assunto. Para finalizar o comentário, o sujeito convida para a discussão outros usuários ou seguidores da página *É Pela Dignidade Feminina*, interpelando: “**Alguém discorda?**”. Este comentário recebe uma *curtida* e nenhuma resposta direta.

No segundo comentário, uma mulher, também de meia idade, posiciona-se favoravelmente à ideia da postagem, reafirmando que estupro não tem a ver com desejo sexual, mas com agressão, argumentando que “**a violência pode ficar ainda maior**”, caso a pena de castração química seja aprovada.

Por fim, no terceiro comentário, novamente de uma mulher, contemplamos o que Fairclough (2003, *apud* RESENDE e RAMALHO, 2006) denomina de discurso na modalidade subjetiva, que corresponde ao posicionamento do sujeito de maneira explícita, colocando-se frequentemente a determinar e delimitar seu dizer. Logo no início do comentário em apreciação, a jovem evidencia alto “grau de afinidade” com o tópico, tendo em vista que se coloca a “corrigir” o discurso do outro (na postagem e nos comentários), negando a compreensão ali realizada: “**não, vocês não entenderam**”. Num segundo momento, retoma e concorda com a opinião de que “**O estupro tem mais a ver com ódio do que com tesão, sim**”, e em seguida defende que a castração química impede o estupro e consiste num método já utilizado em vários países, argumentando, inclusive, que muitos estupradores optam por ser castrados quimicamente. O embate discursivo se dá de forma polida, sem agressão, e funciona, segundo defende Fairclough (2001), como forma de atuação social, capaz de transformar ideologias e comportamentos.

Observemos agora a figura 3, que reproduz uma publicação na comunidade *É Pela Dignidade Feminina*, do dia 03/03/2016, a qual incita os sujeitos a desconstruírem a ideia pré-concebida e preconceituosa de alguns homens que classificam o Feminismo como um movimento de mulheres que odeiam homens.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Figura 3: Post sobre Feminismo.



Compreendemos, portanto, a página “É Pela Dignidade Feminina” como este espaço que permite a atuação do Movimento Feminista, o qual, segundo Hollanda (1994), vem sendo considerado, no cenário pós-moderno de descrédito das ideologias, como uma das alternativas mais exemplares e concretas para a prática política e para as estratégias de defesa da cidadania. Neste sentido, as práticas discursivas exercidas pelas mulheres, e por muitos homens que as defendem na supracitada comunidade na internet, fortalecem o Movimento Feminista, que denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se faz na agressão física – espancamentos, estupros, assassinatos – quanto a que o coisifica enquanto objeto de consumo. Denuncia da mesma forma a violência simbólica que faz de seu sexo um objeto desvalorizado.

Neste ínterim, concordamos com Alves e Pitanguy (2003), quando afirmam que o feminismo se constrói a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a História da Mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de recriação. Na atualidade, portanto, o ambiente virtual constitui-se fértil e promissor para as discussões de gênero e conseqüente renovação do Movimento Feminista. Na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo corroboramos a tese de que o ambiente virtual, especificamente a rede social *Facebook*, que atinge a marca de um bilhão de usuários todos os dias, constitui-se num *locus* de práticas discursivas que desvelam identidades, identificações e ideologias. Em se tratando da figura da mulher, esta é representada pelo Movimento Feminista, atuante na rede através de diversas páginas, dentre as quais destacamos “É Pela Dignidade Feminina”, espaço que abriga discussões a respeito das questões de gênero e oportuniza que os sujeitos reflitam e exponham suas opiniões, crenças e interajam uns com os outros. Os embates discursivos também estão presentes e contribuem para evidenciar as heterogeneidades sociais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 8.ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.
- CHIZZOTTI, Antonio. Da pesquisa qualitativa. In: _____ **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 77-87.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.
- RECUERO, Raquel. Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio, LEFFA, Vilson (orgs). **REDES SOCIAIS e ensino de língua: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.
- ZAVAM, Aurea. E-zine: uma instância da voz dos e-xcluídos. In: Adail Sebastião Rodrigues-Júnior et al. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. 2.ed. Rio de Janeiro: Singular, 2009.